

Em louvor de Soeiro Pereira Gomes

Cinquenta anos passados sobre a morte do autor de *Esteiros*, e quase esquecidos os tempos gloriosos do que foi o movimento literário neo-realista dos anos 40 e 50, importa reler hoje toda a obra de Soeiro Pereira Gomes (Baião, 1909-Lisboa, 1949) e redescobrir assim as veredas de um trajecto feito de grandes sofrimentos e torturas, desencantos e lutas desapiedadas, que não impediram a criação de uma obra em si limitada, mas de relevante qualidade que ainda deve ser evocada, estudada e admirada.

Publicado em 1941 (numa primeira edição ilustrada por Álvaro Cunhal e publicada na "Sírius", uma editora do Porto de que se guarda boa memória pelo entusiasmo então de Alexandre Babo), *Esteiros* inscreve-se desde a sua portada com a intenção de ter sido um romance escrito "para os homens que nunca foram meninos" e por aí se esboça uma aventura literária bem cedo interrompida ou desdobrada a pulso, nos altos e baixos de prisões e fugas na clandestinidade e na forma de coerente intervenção política que se sobrepôs à sua vocação literária. Mas no caminho de Redol, Carlos de Oliveira, Namora e outros, sobretudo em poetas como Manuel da Fonseca, Mário Dionísio, Joaquim Namorado, Políbio Gomes dos Santos, Álvaro Feijó ou Sidónio Muralha, em tempos de serem ousados os cânticos de revolta de um "novo cancionero" que trouxe novas de outros achamentos ou denúncias sociais, políticas e humanas, Soeiro Pereira Gomes colocou-se por direito próprio, a partir de *Esteiros*, na primeira linha dos escritores neo-realistas em Portugal.

Não é altura de traçar algumas das coordenadas que tanto definiram os pressupostos estéticos e literários do neo-realismo, tanto na prosa de ficção como na poesia, mas interessa, na releitura da edição da sua *Obra Completa* (Romances, Contos e Crónicas), lembrar como Soeiro Pereira Gomes, na propositada intenção de compromisso com os outros, com toda a gente que andou à sua volta numa vida que foi breve e cedo acabou, soube ser solidário com muita gente, denunciando as lutas e combates em tempos penumbrosos do fascismo em Portugal, em plena guerra mundial, quando se consolidava e assim mesmo se fortalecia nos seus processos e meios como uma verdadeira ditadura política e policial entre nós, o autor de *Engrenagem* soube avançar por caminhos de renovada esperança e luta, ao lado de quem trabalhava e contra quem explorava, companheiro activo no combate pela emancipação de todos os humilhados e ofendidos. Claro, outros eram os tempos, mas importa reler Soeiro Pereira Gomes com o olhar atento e desapaixonado dessas lutas, e entender, nas linhas cruzadas de um discurso literário manobrado e servido por uma prosa dúctil, objectiva e poetizada em contornos mais profundos, enfim, compreender uma prosa que tem bem pouco de ficção e muito de denúncia de uma realidade retratada nos seus aspectos mais singulares.

Na verdade, o empenhamento ideológico do autor de *Contos Vermelhos* não o impediu de fazer uma literatura de qualidade, ao contrário de outros escritores alinhados na mesma corrente, porque o que realmente o não deixou fazer uma grande obra literária foi a sua morte prematura, aos quarenta anos, após esses anos de sofrimento sob a ditadura salazarista. Mas a obra de Soeiro Pereira Gomes existe, está aí, reunida num único volume, e sabemos como se impõe com toda a verdade da sua dimensão humanista e aos olhos de quem souber ler e entender esse universo pessoal do autor de *Esteiros*. A mais recente edição da *Obra Completa*, sob os cuidados de Luís Augusto Costa Dias, interessa ainda pela fixação correcta e rigorosa dos textos (e não com o propósito de ser uma edição crítica), porque depois de ter sido bem esquadrihado o seu espólio literário melhor se compreendem, por exemplo, as várias versões de *Engrenagem*, esse romance inacabado, ou que nos deixa entender o processo literário do autor na criação dos seus livros em lugares e casas que foram de empenhado desassossego.

Assim, reler toda a obra de Soeiro Pereira Gomes, nos vários livros que se incluem na edição da *Obra Completa*, é de algum modo retomar o caminho dessa navegação que à distância de cinquenta anos o neo-realismo não podia deixar de fazer pelo seu intencional compromisso ideológico e estético. Rer Soeiro Pereira Gomes é saber, com toda a certeza, como a sua obra literária, pelas qualidades peculiares de ser um grande escritor, ainda hoje se projecta e engrandece em cada leitor que dela se aproxima.

Serafim Ferreira

Soeiro Pereira Gomes
OBRA COMPLETA

Esteiros - Engrenagem

Contos Vermelhos - Contos e Crónicas.

Prefácio de Luís Augusto Costa Dias

Editorial Caminho / Lisboa.